



*III Congreso Virtual sobre Historia de las Mujeres, 15 al 31-octubre-2011*

**III CONGRESO VIRTUAL SOBRE  
HISTORIA DE LAS MUJERES.  
(DEL 15 AL 31 DE OCTUBRE DEL 2011)**



**A HISTÓRIA DAS MULHERES NA UTFPR: CONTRIBUIÇÃO PARA A  
HISTÓRIA DA CIÊNCIA.**

**Joyce Luciane Correia Muzi**



## A história das mulheres na UTFPR: contribuição para a história da Ciência

Joyce Luciane Correia Muzi<sup>1</sup>  
Nanci Stancki da Luz<sup>2</sup>

### **Introdução**

Pode-se dizer que a entrada das mulheres em instituições de nível superior facilitou sua entrada em algumas áreas restritas historicamente aos homens, como é o caso dos campos da Ciência e da Tecnologia. A Ciência, enquanto campo predominantemente ocupado por homens, em especial as Ciências Exatas (“duras”), excluiu durante décadas metade da população mundial da tomada das decisões. Atualmente a composição discente do ensino superior no Brasil é majoritariamente feminina, o que representa grande avanço na conquista dos direitos sociais das mulheres, dentre eles o direito à educação e à participação em áreas fundamentais, como nas Ciências, por exemplo. Nesse sentido, esse artigo apresenta alguns dados da pesquisa de mestrado intitulada “De Escola de Aprendizes à Universidade Tecnológica: Desvelando a participação das mulheres na história de uma instituição de educação profissional”, na qual investigamos a participação das mulheres como docentes na Escola de Aprendizes Artífices de Curitiba, atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a primeira com o status de Tecnológica no país. O pioneirismo da UTFPR se verifica por ter ela aberto suas portas em 1909 já apresentando em seu quadro funcional uma professora. Ao longo de seus mais de 100 anos de existência, a instituição passou por transformações que determinaram número e lugares ocupados pelas mulheres. O nosso destaque vai para o fato de que a abertura dada à participação feminina, como docente e discente, diz respeito à abertura de portas no mercado laboral e, conseqüentemente, nos campos da Ciência e da Tecnologia.

### **Alguns números da participação feminina na Escola de Aprendizes Artífices**

Em 1909 o então presidente Nilo Peçanha cria nas principais capitais do país as Escolas de Aprendizes Artífices, com o objetivo de ensinar ofício aos garotos de camadas menos favorecidas da sociedade, os chamados “desprovidos da sorte”. Em

---

<sup>1</sup> Mestre em Tecnologia pela UTFPR-Brasil e Mestre em Educação pela Uninorte-Paraguai. joycemuzi@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. nancist@terra.com.br



Curitiba a Escola começará a funcionar em janeiro de 1910, com 11 funcionários registrados em relatório do ano seguinte<sup>3</sup>, e entre eles já estava uma mulher. Fanny Pereira Marques é a primeira mulher a ingressar na Escola, nomeada exatamente no dia de sua inauguração em 14 de janeiro de 1910 com os demais funcionários. Como professora do curso primário, somente terá uma colega após dois anos de funcionamento, e a partir disso percebemos que uma prática será bastante recorrente: a contratação de mulheres na condição de adjunta.

Romanowski (2006) vai dizer que este era um modo bastante comum para preparação de docentes no século XIX, já que, com a necessidade de oferta de ensino básico à população pós Independência e Proclamação da República, era necessária a formação de mão de obra para atuarem. No entanto, a prática de contratação de pessoas sem muito preparo acaba se disseminando, e uma saída se deu através da contratação de pessoas interessadas na condição de aprendizes; os “adjuntos permaneciam por algum tempo com professores experientes para realizarem a sua formação e a iniciação no ofício; era uma formação guiada pela reprodução da prática” (ROMANOWSKI, 2006, p. 75-76).

Até a década de 1930 são várias as que ingressam na Escola como adjuntas de desenho, adjuntas de professor do curso de instrução elementar e de instrução primária. Na verdade, ainda que as nomenclaturas fossem diferentes, elas diziam respeito à atuação das professoras somente no nível primário e elementar, “especialidade” da Escola: “a escola tinha caráter primário, e nos quatro anos de duração do curso, os alunos entre 12 e 16 anos, além do trabalho de aprendizado nas oficinas, freqüentavam os cursos de instrução elementar e de desenho” (QUELUZ, 2000, p. 49); basicamente então víamos as mulheres atuando nos cursos de instrução elementar e de desenho, nunca nas oficinas destinadas a formar os meninos nas áreas de alfaiataria, sapataria, marcenaria e serralheria.-

---

<sup>3</sup> Os dados apresentados foram obtidos pela pesquisa desenvolvida que tem no Núcleo de Documentação Histórica da UTFPR sua maior fonte de dados, no primeiro semestre de 2010. O Núcleo mantém guardados documentos da história da Instituição, como relatórios oficiais, ofícios, atas, balancetes, informativos, desde o início do seu funcionamento. Estes documentos serviram de base para identificarmos quem eram, quantas eram e quais as condições de atuação das mulheres na Escola. No entanto, aqui reservaremos-nos a apresentar os dados das três primeiras décadas, até a transformação da Escola de Aprendizes em Escola Técnica de Curitiba, em 1942, transição marcada pela mudança na concepção e no projeto da Instituição, chamado por Amorim (2004) de “projeto de formação de uma aristocracia do trabalho”.



Na lógica de delegar às professoras somente algumas áreas do conhecimento, há uma particularidade em relação à atuação na disciplina de desenho. Machado (2010) destaca que eram duas as disciplinas de desenho, nas primeiras décadas de existência da Escola, e elas tinham tratamentos diferenciados: para ministrar desenho ornamental tínhamos professoras e para ministrar desenho técnico, homens. Podemos inferir dessa escolha por parte da Escola que para ministrar matérias técnicas os homens eram preferidos justamente por este saber estar relacionado à profissão, especialização e conhecimento construído. Já o conhecimento necessário para lecionar uma matéria como desenho ornamental, mais voltado ao estético, ao artístico, não estaria necessariamente ligado ao conhecimento socialmente reconhecido como qualificado.

Queluz (2000) tem um capítulo sobre “A Escola de Aprendizes Artífices do Paraná – 1910 a 1920”; nele o autor faz uma revisão de como se estruturava o ensino primário e, analisando documentos do período, especialmente o material “Esboços de Programas de Ensino” da Escola, de 1924, no qual o então diretor Paulo Ildefonso faz uma longa explicação a respeito do método adotado para ensinar os meninos, encontramos uma referência ao corpo docente:

Em suas próprias palavras, estes professores eram “elementos aptos e inteligentes”, “moços de preparo moderno”. *Estes moços eram geralmente oriundos das elites locais, bacharéis como Rubens Klier d’Assumpção* [filho do diretor Paulo Ildefonso e futuro diretor da Escola, após a morte deste último], *Cyro Silva e Leocádio Ferreira ou normalistas (Relatório da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná, 1913 apud QUELUZ, 2000, p. 73. Grifos nossos.)*.

Detalhe para o fato que os nomes dos professores são citados e das professoras não muito provavelmente porque seus nomes quase nunca aparecem na documentação da época; a não ser que apareçam em folhas de pagamento, ofícios ou atas, é difícil encontrar seus nomes associados a algum grandes feitos no período.

Se pensamos em relação à proporcionalidade no número de mulheres temos os seguintes números:

**Quadro 1: Valores absolutos do número de homens e mulheres no período de 1911 a 1926**

Ano	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926
Homens	9	**	21	21	12	23	**	21	19	**	22	19	21	19	19	18
Mulheres	1	**	2	2	1	2	**	3	3	**	7	5	3	4	5	5
Total	10	**	23	23	13	25	**	24	22	**	29	24	24	23	24	23

Fonte: Nudhi. Elaborado pelas autoras.

\*\* não foi possível levantar o número total de funcionários.



Quadro 2: Valores absolutos do número de homens e mulheres no período de 1927 a 1942

Ano	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942
Homens	15	16	15	15	13	15	**	14	15	17	18	16	20	*	**	17
Mulheres	4	6	5	2	3	2	**	4	3	3	3	4	4	*	**	5
Total	19	22	20	17	16	17	**	18	18	20	21	20	24	20	**	22

Fonte: Nudhi. Elaborado pelas autoras.

\* não foram encontrados dados desagregados, somente o número total de funcionários no ano de 1940.

\*\* não foi possível levantar o número total de funcionários.

Infelizmente nas primeiras décadas da Instituição não temos números muito confiáveis já que os dados não apareciam agrupados; aleatoriamente encontramos nomes que nos possibilitaram elaborar os quadros.

Podemos perceber que ocorre uma oscilação no total de funcionários e funcionárias da Instituição, no entanto o número de mulheres nunca ultrapassou a casa das unidades nestes primeiros 33 anos de história. Se nos voltarmos aos números de matrículas e concluintes nas duas primeiras décadas, vemos que a evasão e os baixos salários eram problemas que a Escola enfrentava<sup>4</sup>, o que acabava por repercutir na redução no número de profissionais. Podemos concluir que as mulheres eram sempre requisitadas porque matrículas sempre existiram, porém é fato que os números oscilavam tanto para o número de homens quanto de mulheres, justamente por causa da flutuação no número de alunos.

Em relação aos vencimentos, Safiotti (1979 apud LOURO, 1997) diz que às mulheres era permitida a atuação na educação, mas aquilo que ensinavam determinava o salário a que elas teriam direito. Nesse sentido, no caso da Escola de Aprendizes Artífices como a separação era notória, com professoras e professores ensinando disciplinas e conteúdos diferentes, é possível que tenha havido diferenciação salarial entre eles, uma prática que pode ser encontrada ainda em nossos dias.

No quadro 1, especificamente, vemos que o número de mulheres chegou a um pico de 7 no ano de 1921, representando um terço do total de pessoas, número que só será superado em 1928, momento em que novamente teremos uma queda no número

<sup>4</sup> Já em 1918 o Ministro da Agricultura da época e o então presidente Wenceslau Brás aprovaram um Decreto que consistia num novo regulamento para as Escolas que deveriam estar pensadas para ajudar no processo de consolidação e competitividade da mão de obra de trabalho no Brasil. Isso porque elas passavam por problemas como instalações deficientes; qualificação docente infima no que diz respeito à atuação no ensino industrial, e, nesse caso, alcançando somente pessoal masculino; salários baixos aos profissionais das Escolas; alto índice de desistência dos alunos; falta de padrão no ensino ofertado pelas Escolas, falta de instrumentos e máquinas (QUELUZ, 2000).



tanto de homens quanto de mulheres. Levando-se em conta a realidade da Escola em relação à frequência e permanência dos meninos nos cursos e oficinas e dos diversos problemas, tanto de ordem física (espaço inapropriado) quanto econômica (falta de maquinaria apropriada), as primeiras décadas se pautaram em condições relacionadas à necessidade local e nacional, já que se vivia um momento de mudanças no cenário político-social, no qual os interesses se voltavam a uma formação que preparasse os cidadãos para atender ao seu país<sup>5</sup>.

Em relação ao quadro funcional, Machado (2010) vai citar a diminuição no número de funcionárias na Escola: enquanto que em 1919 eram 22 funcionários na Escola, e destes três eram mulheres, em 1932, dos 17 funcionários, duas eram professoras, uma de desenho e outra de instrução primária, ambas adjuntas, ou seja, não titulares das cadeiras. Se comparamos mais uma vez mas agora o ano de 1932 com o ano de 1910 temos outra situação. Na ocasião do início de funcionamento da Escola, havia uma professora titular de instrução primária e os professores que atuavam na mesma função eram adjuntos, o que para Machado (2010, p. 109) evidencia que “ao longo das décadas, acompanhando as reformulações legais, as professoras vão perdendo espaço na Escola Técnica de Curitiba, à medida que o nível de exigência de escolaridade dos alunos ia sendo aumentado” e mais homens eram requisitados para lecionar matérias técnicas.

Importante citar a primeira grande mudança porque passaria a Instituição: por causa do interesse pelo aumento no número de alunos, a Escola vai para o local de onde nunca mais sairia – a Avenida Sete de Setembro com a Rua Desembargador Westphalen. O prédio que abriga a atual UTFPR foi doado ao governo para servir de sede da Escola no final dos anos 20, mas devido a problemas de ordem política<sup>6</sup> isso só aconteceu em 1936. Parte da mudança foi a alteração da nomenclatura da Escola: elevada à Liceu Industrial do Paraná, em 1937, a Escola se ocuparia com a formação profissional, tendo como grande avanço a instituição do ensino de 1º grau, atual ensino fundamental.

---

<sup>5</sup> Para saber mais a respeito do cenário político, social e econômico que determinou os caminhos seguidos pela Escola, ver as teses de Queluz (2000), Amorim (2004) e Machado (2010).

<sup>6</sup> O movimento de 30 e a tomada de poder por Getúlio Vargas protelou a mudança da sede da Escola em quase 8 anos (MACHADO, 2010).



Outros dados relevantes foram encontrados aleatoriamente em Boletins endereçados ao Ministério da Educação e Saúde. No do ano de 1935, há a informação dos cursos oferecidos na Escola e os profissionais que neles atuavam. O curso primário complementar, por exemplo, tinha 6 docentes: 2 homens e 4 mulheres; o curso de desenho, 4 pessoas: 3 homens e 1 mulher; e o curso profissional técnico contava com 7 docentes, todos homens. No relatório referente ao ano de 1936, o curso primário complementar tinha 8 docentes: 1 homem e 7 mulheres; o curso de desenho se mantinha como no ano anterior; e o curso profissional técnico contava com 8 docentes homens. Em relação ao ano de 1938, o Boletim apresentava o número de alunos desagregado por gênero, indicando que nenhuma mulher havia se matriculado no Liceu. Neste relatório vemos também a organização e movimento dos cursos ministrados no estabelecimento; o chamado "Primo-médio" tinha 9 pessoas no corpo docente: 2 homens e 7 mulheres; e o curso de desenho contava agora com um homem e uma mulher.

### Visibilizando nomes

Quadro 3: Professoras da Escola no período de 1910 a 1942<sup>7</sup>

	Nome	Atividades desenvolvidas	ano inicial	ano final
1	Alba Bittencourt de Abreu	adjunta de professor interina do curso primário	1921	1922
2	Ana Marques Guimarães	adjunta de professor interina do curso primário e instrução elementar	1921	1939
3	Fanny Pereira Marques	professora do curso primário	1910	1922
4	Maria Clotilde Moreira Huebel	professora coadjuvante do ensino de instrução primária	1910	1920
5	Marietta Rodrigues	professora coadjuvante interina do curso de instrução elementar	**1910	1922
6	Izaura Sydney Gasparini (ou Isaura) <sup>8</sup>	adjunta do professor do curso de instrução elementar / adjunta da cadeira de Geografia industrial e História das indústrias da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz	1912	1926
7	Candida Lopes	adjunta interina do professor do curso primário	1915	1915
8	Maria da Conceição Rodrigues	adjunta de professor do curso de desenho	1917	1927
9	Fernandina Lagos Marques	coadjuvante do ensino de 3. classe, professora normal, adjunta interina de professor do curso primário e de instrução elementar	1918	1938
10	Carolina Moreira da Cunha Carneiro (ou Carolina Moreira de Sant'anna)	professora coadjuvante do ensino primário/coadjuvante do ensino de instrução primária	1920	1937
11	Henriqueta de Almeida Assumpção	adjunta de professor do curso de desenho	1921	1922
12	Magdalena Navarro	adjunta do professor de desenho	1926	1932

<sup>7</sup> Dados retirados de Relatórios oficiais dos anos de 1910 a 1939, disponíveis no Nudhi.

<sup>8</sup> As informações presentes nos nomes 06, 10, 13, 15 e 16 dizem respeito às formas como encontramos escritos os nomes de algumas docentes. Em relação à 25<sup>a</sup>, não encontramos seu nome completo.



### III Congresso Virtual sobre História de las Mujeres, 15 al 31-octubre-2011

13	Alilat de Bittencourt Muricy (ou Alilat Muricy Borges dos Reis)	*	1928	1946
14	Zenny dos Santos Carrano	adjunta de professor primário	1928	*
15	Jenny Gartner Roslindo (Ou Jenny Roslindo Fruet ou Geny)	coadjuvante, professora normal / coadjuvante do ensino de 3. classe	1934	1939
16	Avani Altheia Bizetti (ou Avany)	coadjuvante, professora normal, normalista de 1ª classe	1935	1939
17	Enaura Guimarães	coadjuvante, professora normal, adjunta de professor	1935	1939
18	Hilda Bley de Oliveira	coadjuvante, professora normal/normalista de 1ª classe	1937	1939
19	Maria Arruda A. Ribeiro	coadjuvante, professora normal	1938	1939
20	Nice Lopes Schwartz	coadjuvante, professora normal, normalista de 1. classe	1938	1939
21	Aracy de Souza Feijó	normalista adjunta de 1ª classe	1939	*
22	Clotilde Moreira Huebel	normalista de 1ª classe	1939	*
23	Ione Altheia Buzetti	normalista de 1ª classe	1939	*
24	Maria de Lourdes Bley	normalista de 1ª classe	1939	*
25	Maria Virgília (?)	professora	1939	*
26	Solange de Freitas Marques	professora coadjuvante do ensino primário	1939	*

Fonte: Elaboração própria.

\*\* Não foi registrado o ano de entrada dessas professoras, mas seus nomes aparecem no Relatório de 1910 a 1922, portanto as colocamos com esta data inicial para efeito de registro.

\* Informação não encontrada nos documentos analisados.

É possível percebermos, conhecendo o histórico de cursos ofertados na Escola neste seu primeiro período de funcionamento, que o número pequeno de mulheres nas três primeiras décadas de funcionamento da Escola se justifica pelo fato de haver somente algumas atividades nas quais elas poderiam atuar, sendo elas: ensinar a contar, ler e desenhar. O Relatório que traz os dados de 1910 a 1922, por exemplo, indica que um total de 54 funcionários teria passado pela Escola no período, entre funcionários efetivos, contratados e interinos. Em relação aos contratos de prestação de serviços, percebe-se com base nos documentos que, até o ano de 1942, a prestação de serviços como limpeza e lavanderia era feita por prestadoras de serviços autônomas; ofícios assinados pelos diretores autorizavam o pagamento desses serviços a várias mulheres, sem geração de vínculo empregatício. Após aquele ano, devido à expansão da Escola, ao aumento no número de vagas, de discentes e de docentes, as primeiras efetivas serão contratadas para cuidar da merenda, limpeza e conservação das instalações.

A respeito das diversas designações recebidas pelas professoras, vemos o termo coadjuvante. Em seu sentido literal, coadjuvante significa “que coadjuva, ajuda,





concorre para um fim comum”<sup>9</sup>; infelizmente na documentação disponível em acervo da Instituição não foi possível encontrar sob qual acepção se usava o termo ao designar as professoras.

Um dado importante que encontramos nos relatórios do período é em relação ao afastamento para tratamento de saúde de várias professoras ou de uma mesma professora várias vezes. Quando isso ocorria, uma professora interina era contratada. Só no período relativo ao primeiro relatório oficial da Escola, de 1910 a 1922, três professoras interinas foram chamadas para substituir uma mesma professora, e outras duas para substituir pessoas que não são citadas.

As 26 mulheres apresentadas no quadro 3 representam uma porta aberta a todas aquelas que viriam nos outros 70 anos de história da Escola. Em todas as etapas da vida da UTFPR elas estiveram presentes e representaram em média 30% do quadro docente geral. A Escola nunca parou de crescer, só que infelizmente o número de mulheres se manteve estagnado até nossos dias; o número só ultrapassou a marca de 40% em 2009, quando já estava transformada em Universidade. Estes números ratificam a afirmação da professora e pesquisadora da Instituição Sonia Ana L. Leszczynski: seja sob o nome de Escola de Aprendizes Artífices, Liceu Industrial do Paraná, Escola Técnica Federal do Paraná, Centro Federal de Educação Tecnológica ou Universidade Tecnológica, esta instituição sempre será “uma escola ‘masculina’ em suas áreas de excelência” (LESZCZYNSKI, 1996 apud SILVA, 2000, p. 102).

### **A feminização da função docente**

Louro bem lembra que desde sempre, em território brasileiro, temos os homens no centro da docência; os jesuítas no séc. XVI se ocuparam dessa atividade com finalidade específica. Centenas de anos após esta primeira atuação masculina, homens mantiveram-se à frente do magistério, no entanto, com a perspectiva que se apresentou pós Independência e Proclamação do país, as mulheres foram necessárias para ensinar as meninas<sup>10</sup>. No projeto de industrialização pensado para o Brasil, educadores e

<sup>9</sup> Significado retirado de FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário Aurélio Eletrônico Séc. XXI*. Versão 3.0. Nov. 1999.

<sup>10</sup> Louro vai dizer que “idéias positivistas e cientificistas” viam na mulher uma importante aliada para afastar a sociedade de concepções não científicas.



educadoras teriam um papel fundamental, cada qual trabalhando com seu respectivo gênero.

À medida que as novas configurações sociais e econômicas favoreciam a abertura de novas áreas de atuação para os homens, as mulheres manifestaram maior interesse pelos cursos Normais, criados ainda no século XIX em várias províncias, com oferta de vagas para ambos os sexos.

Vale chamar atenção que, ainda que pareça natural aos olhos atuais, houve muita resistência em relação ao processo que estava se configurando:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural*, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças das crianças (LOURO, 1997, p. 450. Grifo da autora.).

Mas também houve muita gente a favor: as mulheres seriam

“naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. (...) O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação (LOURO, 1997, p. 450).

Esta relação entre atividade laboral e ser mãe satisfazia os interesses dos líderes, que reconheciam a necessidade de participação das mulheres no novo projeto de modernização da sociedade. As mulheres, portanto, eram “convocadas” para participar desse projeto, sendo as responsáveis por formar filhos – futuros líderes desse novo país. Para formar elas deveriam ser mulheres exemplares e, sobretudo, cristãs. Nessa lógica,

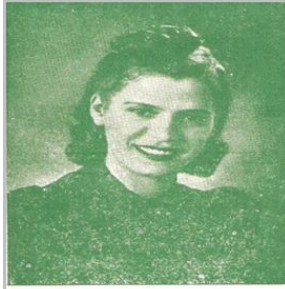
A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (LOURO, 1997, p. 447)

Nesse sentido, podemos afirmar que as professoras atuantes na Escola de Aprendizes Artífices foram criteriosamente escolhidas. Isso se comprova nas imagens e



legendas publicadas no primeiro número da Revista Labor<sup>11</sup>, em consonância com os interesses da sociedade patriarcal. Em janeiro de 1940 publicavam-se as fotos de quatro professoras da Instituição. Reproduzimos abaixo as imagens e respectivas legendas.

Foto 1



Senhorinha SOLANGE MARQUES  
Coadjuvante de ensino primário

Foto 2



Senhorinha AVANI ALTÉIA BUZETTI  
Coadjuvante de ensino primário

Foto 3



Senhora HILDA DE OLIVEIRA  
Coadjuvante de ensino primário

Foto 4



Senhorinha ENAURA GUIMARÃES  
Coadjuvante de ensino primário

Fonte: Revista Labor, n. 1, abr. 1940.

A foto 1 mostra Solange Marques, designada pela Revista como “uma das mais competentes professoras desta Escola”, mas também como “um dos mais belos ornamentos da sociedade Curitiba”.

Na foto 2, Avani Altéia Buzetti é considerada “brilhante professora desta Escola dotada de vários predicados”.

Hilda de Oliveira, na foto 3, representava “fino ornamento da sociedade paranaense”, “e um dos mais destacados elementos do corpo docente desta Escola”.

<sup>11</sup> A Revista Labor foi a primeira publicação institucional responsável por divulgar interna e externamente as ações da Escola de Aprendizes, agora Liceu Industrial do Paraná.



Enaura Guimarães, na foto 4, é caracterizada como “possuidora de nobres predicados e elemento de alta projeção em nossa sociedade e uma das mais dedicadas professoras desta Escola”.

Em comum, além de mulheres de reputação admirada, elas eram apresentadas e parabenizadas pela passagem de seus aniversários, de maneira a expor publicamente que eram renomes da sociedade paranaense, “protegidas” socialmente de qualquer maledicência: Solange Marques e Avani Buzetti eram solteiras mas mereciam respeito inclusive por serem professoras; Hilda de Oliveira e Enaura Guimarães, por sua vez, tinham um ponto a favor: tinham uma figura masculina a protegê-las: a última era filha de um coronel muito respeitado – o coronel Adolfo Guimarães –, e a primeira casada com o senhor Roberto Doria de Oliveira. Por serem casadas atendiam perfeitamente o ideal de professora: ter uma vida reta e decente.

Estas são exemplos das normalistas de que tanto ouviremos falar como representantes de uma nova etapa na história da educação no Brasil, que relegou a elas a dura responsabilidade de alfabetizar milhares de cidadãos ao longo do século XX.

### **Considerações finais**

Vê-se atualmente um interesse crescente pela história das mulheres em várias áreas do conhecimento; nos campos da Ciência e da Tecnologia este interesse surge a partir do questionamento das características atribuídas aos campos: neutralidade, objetividade, racionalidade – características estas atribuídas ao sujeito do fazer científico/tecnológico, ou seja, o homem branco ocidental. Graças à interferência dos movimentos feministas que participaram dos questionamentos em torno dos chamados ideais da Ciência e da Tecnologia a situação das mulheres em áreas antes inacessíveis foi modificada.

Nesse sentido, consideramos que este tipo de reflexão a respeito da situação de uma instituição que tem no cerne a concepção da formação profissional para as áreas científico/tecnológicas é fundamental para entender em que lógica ela se construiu e se mantém pautada, e quais atores/atrizes participam/participaram dessa construção e manutenção:



Essas discussões sobre divisão sexual do trabalho, espaço público e espaço privado, representações acerca dos papéis definidos como masculino ou feminino na sociedade, e relações de poder, permeiam as práticas cotidianas observadas na Escola Técnica de Curitiba durante o período analisado (QUELUZ e MACHADO, 2002, p. 3).

Nossos interesses são: refletir a respeito de como se configuravam as relações de gênero numa instituição que caminha até chegar à máxima possibilidade de oferta de ensino – o ensino superior, atendendo à tríade indispensável para a produção de conhecimento para a sociedade (pesquisa, ensino e extensão); refletir a respeito de uma história que se repetiu em vários outros espaços sociais, nos quais as mulheres sempre tiveram de fazer um esforço maior para adentrar; entender o cenário que serviu de pano de fundo para mais uma conquista das mulheres, tentando entender como ainda hoje há permanências no mesmo sentido – da segregação; e finalmente fazer conhecer nomes com o intuito de dar visibilidade às comumente excluídas da “história oficial”, levando um maior número de pessoas a conhecer outra parte da história.

### Referências

- AMORIM, Mário L. *Da Escola Técnica de Curitiba à Escola Técnica Federal do Paraná: projeto de formação de uma aristocracia do trabalho (1942-1963)*. 387 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.
- LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Orgs.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MACHADO, Maria Lucia B. *Racionalidade, trabalho e “harmonia social”*: configurações do projeto de modernização brasileira e ensino industrial na Escola Técnica de Curitiba (1930-1960). 2010. 429 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- QUELUZ, Gilson L. *Concepções de Ensino técnico na República Velha 1909-1930*. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2000.
- QUELUZ, Gilson L.; MACHADO, Maria Lúcia B. “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”: a profissionalização feminina durante a atuação da CBAI na Escola Técnica de Curitiba (1946-1962). In: II CONGRESSO BRASILEIRO



III Congreso Virtual sobre Historia de las Mujeres, 15 al 31-octubre-2011

DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO; HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal). *Anais*. Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. CD-ROM.

ROMANOWSKI, Joana P. *Formação e profissionalização docente*. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpex, 2006.

SILVA, Nanci Stancki. *Gênero e trabalho feminino*: estudo sobre as representações de alunos(as) dos cursos técnicos de Deseho Industrial e Mecânica do CEFET-PR.

Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. 2000.